

5 poemas de **HEITOR LIMA**

Hora magra

1

A vista pálida
de uma dúbia *natura* que resvala
nos córregos de pedras silenciosas
e o silêncio de cada coisa viva,
tangível, preso ao rabo do Azulado,
repensa o fruto plástico das horas.

Nas asas da vogal o verbo líquido,
jamais pronunciado e de erudito
corpo, galho inerte e vento,
retumba no jardim que se esboroa.

A rosa amarga, preta, rejubila
a torre de folhagens esquecidas.

O rasgo de dois versos num espinho.

2

No espaço entre duas asas o anelo
de ornar com seixos de ócio esta vereda:

Vales hirtos de espelhos retorcidos
refletindo o mar alto entre seus rotos
caules de vidro. Rezas junto ao cume
De ferro arroxeadado, dia findo,
o magnético orvalho do suspiro,
o branco sobre o plano iridescente,
alma e plano, cerúleo patrimônio,
no faro insone do ocaso.

3

A flora quebra e escoa em pranto de ônix
sujando o véu turquesa pincelado.

Relva do azul, terreno amorfo. Eis
a lâmina de sangue ensimesmada
cortando em som opaco estas veredas
incolores do espaço, tudo é negro.

4

A voz plúmbea da rosa destruída,
que a chamam: letra cinza, vulcão débil.
Ecoa pelo vale e então se funde
ao olor que da terra exposta brota
Ungido no vermelho da consoante,
e como gema insurge, ametista
do dia, dissolvendo a noite em pétala.

Que, no ar, a treva imensa sobre os poros
da quietude cedendo ao próprio peso,
Se não salva o silêncio, salva a ti,
Que em mim redoura o verso morto.

E aqui, teu rosto em cor, aberto à rosa
descobre-me na condição de luz.

Poema

Entre o suspense do silvo
e a consumação do bote
há um mar de vértices
bordando a sede de tudo.
Vivemos sob um céu de nácar,
e a ponte diamantada da palavra
com um traço de turva sílaba
nos leva da penumbra
à garganta de um bardo.

Pouco há que a língua conte
de fruto e cinzas
aos que escolhem não ouvir.

Miniode a estes: vozes, voláteis.

Quando presto caminho
entre hortas de esmeralda e ferro
entes de toda uma vida,
cerram-me os passos e vão.

Estes que falam de teus olhos brancos
Estes que me falam de tua carnadura macia,
Levam na espádua um novelo

De tempo

espaçado entre teus membros
de cristal sanguíneo.

E horas há que o verde se desprende do limbo
antevendo a madureza da queda,
correndo entre teus dentes de água

e em teu sorriso, torso de cisne,
relembra os gomos de céu e sonho matutino.

Entes de toda uma vida.
E esta porção de choro, lida
sobre a copa lodosa
de um dedo lunar.

Há ali um parado excelente
reduzindo a vozes

a estrada perecível
de areia batida e coro de treva.

Há sementes de corpo
na flor cinza amara

Germinando rios de queratina.
E há na mão que expulsa

O cordão que dilata inda úmido
de susto. Veste o cílio
dos que de esguelha observam;
e vazado se elide
com um maço ígneo de pensamento
a ver pedaços de aurora.

Querida:

Nesta janela escura de flor
o músculo do sono distendido.
Teu parapeito leve de luz
me arqueja como na despensa
farta de neve, como na calçada
morta de dentes, como na surdina
surdo, mugindo.
Ouvia a cor da nódoa legível
de fruta qualquer e em qualquer
canto. Cor de gente pelo vidro
dos olhos, algo de verde nos teus olhos.
Foges de mim como a tarde foge
do horizonte que enegrece. E se
te encontro, meu amor, é o resto
de sorriso que me deste, não obstante
belo e da beleza à Rilke. Tarde que cai,
vidro de íris. Teu branco cor de ausência
me conversa no espaço, cor de azedo,
e a tenho aqui, ausente, no meu quando.

Sê

A Adriano Espínola

Nesta orla de águas e de barros
a geometria destas praias se ergue
infinita, num mármore arenoso,
onde a sombra do vento tange a face.

No horizonte um colar de céu e terra
sufoca o canto de algas inocentes.
O sonho como um sol, safira e sal,
galeras passam, dor e a maresia

que enxuga a tinta acre do silêncio,
sorriso leve, exclamação de onda,
ou mesmo a amada rubra de olho verde.

Sê como na tua infância: indiferente.
E lembra o gosto d'água, a dor no barro,
o sonho como um sol, a cor da amada.

Heitor Lima, 20 anos, estudante. Crê no monólogo do *homo* e que devemos peregrinar descalços. E os pés somando as tribos que somos, polindo a crosta de vozes do espaço, devolvem-nos o mais gasto couro: colóquio. Pensa que o nicho do poeta não é divino: sua voz é parte de um plano extenso, magnético e, principalmente, humano. Grato, poesia.